SAGA DE
UM IMIGRANTE
JAPONÊS
S. SHUMIN

SAGA DE UM IMIGRANTE JAPONÊS

Capa: J. H. Castro Alves, sobre desenho de T. Ihara

Planejamento gráfico: Luiz Antonio Guinski

Shumin, S.
Saga de um imigrante japonês. Curitiba, Ed. do Autor, 1985.
80 p.

1. Iwaya, Armando Soichi, 1924 — 2. Japoneses no Brasil. I. Título.

CDD (18.° ed.)
926.57
325.81

A Leonardo Sitarz,
meus agradecimentos pela contribuição
para a edição deste livro.

O AUTOR

1

— Mãe, onde fica o Brasil?

O menino faz a pergunta depois de, inultimente, tentar lembrar sozinho daquele lugar de nome estranho que nos últimos dias ouvira em conversas de seus pais.

Soichi Iwaya, mais velho filho homem de Sonosuke Iwaya e Katsu Iwaya, tem nove anos e só conhece os arredores da aldeia de Izumita, onde ele, os pais e os avós nasceram.

Izumita, que juridicamente pertence ao distrito de Inata, no município de Iwasse, (*) da Província de Fukushima; fica no extremo norte do Japão, a mais ou menos duzentos e cinqüenta quilômetros do Tóquio. Com clima temperado e a economia baseada na agricultura, principalmente no cultivo de cereais e frutas. A província de Fukushima é uma das maiores produtoras de maçãs e peras do Japão.

(*) Atualmente chama-se Sukagawa.

Na casa em que Soichi nasceu respeita-se a tradição. Tipicamente nipônica, construída de madeira, com paredes corrediças desmontáveis, é rodeada por um bosque, cujas árvores, especialmente plantadas, preservam-na tanto do calor no verão como das intempéries do inverno e, durante o ano todo, oxigenam o ar.

Adiante, ao redor, encontram-se terras próprias para o plantio. No meio fica um grande barracão onde são guardados os cereais, principalmente arroz e soja.

Um pouco mais além arbustos, quase árvores, esteticamente plantados, estendem-se até a estrada principal, não muito larga, que passa defronte do templo xintoísta Kassuga-jinja. Este é cercado por um bosque milenar perfumado de resinas e adoçado pelo canto dos pássaros. Periodicamente são realizados ali festejos artístico-folclóricos que ajudam o povo a conservar no coração arraigado amor à sua cultura.

O menino Soichi vive feliz com os pais e irmãos. Por ser o mais velho dos filhos homens é considerado primogênito e, por isso, goza de maior liberdade, ao mesmo tempo em que os privilégios da educação reservada ao primeiro filho sobrecarregam-no de obrigações. É a ele que compete dar prosseguimento ao honrado nome da família, o que não deixa de ser um resquício de feudalismo que a tradição respeita com orgulho.

O culto a lugares, acontecimentos e lembranças simboliza o reconhecimento, no presente, do valor das ações dos antepassados. Ama-se o presente e tem-se saudade do passado. O presente é motivo de respeito como sucessão histórica do passado, que permanece vivo nas paisagens, nas árvores seculares, nas casas quase centenárias, nos ventos e no sol todos os dias aquece a pequena aldeia.

Soichi ouve o que os adultos falam a respeito de prenúncios de alteração do modo de vida mas não pode interferir no que se passa. Ele já sente o respeito por tudo aquilo que

os mais velhos amam, mas quer entender melhor certas conversas que escuta. Por isso, faz a pergunta:

— Mãe, onde fica o Brasil?

— Longe, muito mais longe do que você possa imaginar, meu filho, mas espero que seja um lugar onde seu pai e eu tenhamos condições de dar a você e a seus irmãos a educação que sonhamos.

Na mente de Katsu, que tem trinta e sete anos, num instante passam as apreensões e as esperanças que, ultimamente, povoam a sua existência. O marido, de quarenta e um anos, tem amor à tradição e, talvez por isso, tem demonstrado não estar gostando da mudança de regime político que se processa no Japão. Certas regalias e liberdades estão sendo restringidas e isso choca-o.

Antes ele podia auxiliar outros lavradores, mas agora está impedido de assim proceder. A situação começa a despertar prevenções também entre os irmãos de Sonosuke e seus velhos pais, Hikosaburo Iwaya e Isa Iwaya.

Sonosuke vem pensando, há algum tempo, em afastar-se do país e, ao saber que a nova filosofia imperante é expansionista e que a primeira meta é ocupar a Manchúria para intensificar a exploração de ferro e carvão, integra-se a essa idéia e está disposto a emigrar para lá.

Katsu, porém, não aprova o plano do marido e diz a ele:

— Você é um lavrador e jamais poderá ser um bom mineiro nem aguentará o frio de lá. É melhor irmos para o Brasil, cujas terras férteis precisam de lavradores. É um país novo onde os homens não estão intoxicados de vícios e ódios milenares. Lá os estrangeiros são acolhidos fraternalmente e o clima é ameno.

— Já pensei nisso — concorda Sonosuke — e tenho lido alguns folhetos de propaganda que descrevem o Brasil como um país que precisa de imigrantes dispostos a trabalhar. Dizem até que poderemos ficar ricos logo.

— Além disso, os fazendeiros precisam de muitos lavradores e dão preferência às famílias japonesas, enquanto que quem vai para a Manchúria não pode levar nem a esposa.

— Você tem toda a razão. Vamos para o Brasil.

Não é fácil, no entanto, convencer os pais e irmãos de Sonosuke de que essa é a melhor solução. Os sentimentos de família são como correntes de aço que procuram impedir a separação mas, com muita habilidade, pensando no futuro dos filhos, Sonosuke e Katsu transformam os ressentimentos em votos de feliz viagem.

— Vamos viajar para um país que fica longe, mas lá você vai ser muito feliz, meu filho — diz Katsu, abraçando carinhosamente o menino.

2

Não há muita demora na preparação dos papéis para a viagem da família Iwaya e um dia Sonosuke chega com os documentos que o liberam para deixar o Japão rumo ao Brasil, acompanhado da esposa e dos filhos.

— Podemos começar a fazer as visitas de despedida — anuncia com satisfação. — O navio deverá partir antes do fim do ano e precisamos chegar ao porto de Kobe com alguma antecedência. Não dispomos de muito tempo, portanto, para os preparativos.

— Desde que decidimos fazer essa viagem venho arrumando as coisas que levaremos, mas ainda tenho muito que fazer — diz a previdente Katsu, dando-se conta de que os planos passam a tomar forma concreta.

Apossa-se dela certa dose de angústia quando lembra que terá de deixar no Japão a mãe, Rino Hoshino, viúva.

Logo, porém, a esperança de melhores dias em terra distante e desconhecida anima-a a prosseguir com mais pressa nos trabalhos — quanta coisa está por fazer! — que antecedem a viagem.

Assim, alternando ansiedade e coragem, incerteza e fé, Katsu colabora decisivamente com o marido na tarefa de desligar-se materialmente da terra natal, não sendo poucas as lágrimas que caem nos momentos de maior emoção.

A agitação faz com que o tempo passe depressa, inclusive para Soichi que, temendo importunar o pai, fica perguntando à mãe a respeito de quem vai viajar com eles e sobre a duração da viagem.

— Felicidades! Boa viagem! Cheguem em paz e com saúde! — desejam os parentes e amigos dos Iwaya, abraçando-os junto ao carro que os vai levar até Sukagawa.

Ali Soichi vê pela primeira vez um trem, que lhe causa enorme admiração. Ele acomoda-se ao lado da irmã Harue, enquanto em outra poltrona, ao lado dos pais, estão Tadai e Soji. Tadayuki, que só tem dois anos, viaja tranqüilo no colo da mãe.

O resfolegar rítmico da locomotiva alterna na imaginação de Soichi a alegria de ver passarem pela janela árvores, flores e pássaros com a tristeza de saber que Fukushima está ficando para trás, talvez para a vida toda.

Não faz muitas perguntas porque vê a expressão de preocupação dos pais, porém quer saber para onde o trem os leva.

— Vamos até Tóquio — esclarece o pai, sem maiores explicações.

Na Capital, Soichi sente a impressão de grandiosidade que uma cidade de muito movimento causa a um menino em sua primeira viagem e Sonosuke é tomado pela recordação do tempo em que esteve no exército e leva o filho até onde fica o quartel.

— Aqui seu pai serviu ao exército do Imperador — diz

com orgulho ao filho enquanto rememora aquele tempo e, a contragosto, admite que para Soichi já não está reservada essa missão.

Soichi não entende a razão de tanto empenho do pai em mostrar-lhe o quartel. Na sua inocência de menino do interior, ele está mais impressionado com o burburinho das ruas, com o trânsito e com os prédios da cidade grande.

Como Sonosuke tem pressa de chegar ao porto, a família Iwaya não se demora em Tóquio e parte para Kobe, que ninguém conhece ainda.

Hospedados na Casa dos Emigrantes, os recém-chegados recebem informações sobre o Brasil e ganham um manual escrito em japonês e português, através do qual entram em contato com as primeiras palavras de uma nova língua.

Enquanto esperam o dia da partida estudam o manual e admiram a cidade, estranhando a existência de igrejas católicas e o grande número de europeus que encontram nas ruas e nas lojas.

Certa ocasião, sem dizer nada ao marido, que é xintoísta, a mãe leva Soichi a uma igreja católica para consagrá-lo a Nossa Senhora e coloca-lhe ao pescoço uma corrente com uma medalha.

O mar também é excitante aos que o vêem pela primeira vez.

— Pai, por que o mar está sempre em movimento? É muito fundo? — quer saber o menino.

Sonosuke esclarece o filho a respeito do mar e responde a muitas outras perguntas para satisfazer a natural curiosidade infantil.

Finalmente, no dia 18 de dezembro de 1933 os Iwaya embarcam no Manila-maru rumo ao Brasil. A movimentação no porto é intensa. Amigos e parentes abraçam os emigrantes. Lenços e serpentinas enfeitam o ambiente. Com lágrimas nos olhos ficam os que acenam àqueles que, tam-

bém com lágrimas, mas esperançosos, debruçam-se na amurada do navio que, lentamente, deixa o porto de Kobe.

3

As várias famílias, que como a dos Iwaya, vêm para o Brasil, já sabem a que região destinam-se desde a assinatura do contrato de trabalho. Para a Fazenda São Domingos, que fica em Ituverava, no Estado de São Paulo, seguem vinte e duas famílias, inclusive a dos Iwaya, que é constituída por Sonosuke, Katsu, Harue, Soichi, Soji, Tadai e Tadayuki.

Os passageiros do navio buscam conhecer melhor os companheiros de viagem e as famílias que vão para o mesmo lugar tratam de fazer amizade entre si. Dessa maneira, os Iwaya tornam-se amigos dos Terayama, Tsutsue, Fukue e Miyata, que também têm como local de destino a Fazenda São Domingos.

— Estamos chegando! Olhem o porto de Santos! — gritam os primeiros a perceber que a viagem está chegando ao fim.

A notícia espalha-se depressa na manhã de 22 de fevereiro de 1934 entre os passageiros cansados de quase setenta dias de viagem por mares nem sempre calmos. Enquanto alguns procuram um lugar de onde possam ver melhor o porto e acompanhar as manobras de atracação, outros cuidam de não esquecer nada no navio. Todos recomendam cuidado às crianças.

Logo após o desembarque os japoneses são levados à Hospedaria dos Imigrantes, onde a balbúrdia é grande, com os recém-chegados procurando obter informações ao mesmo tempo em que cuidam dos filhos e das malas e sacolas. Perguntas e respostas cruzam-se em português e japonês e passa-se muito tempo até que a confusão ceda lugar à ordem.

— Que gostoso! Quero mais um pouco — pede Soichi, referindo-se ao sanduíche de salame e aos doces pulverizados com açúcar distribuídos a todos e que representam o primeiro alimento recebido em terra brasileira.

No dia seguinte as vinte e duas famílias que se destinam a Ituverava são levadas à estação e embarcam no trem que, lentamente, segue ao interior de São Paulo.

Todos olham pelas janelas e observam a diferença entre a paisagem que estavam habituados a ver e a que os surpreende a cada curva. Desde as cidades e os campos são chocantemente diferentes dos da pátria de origem. O que mais chama a atenção são os cafezais e canaviais que parecem tapetes verdes estendidos sob o céu azul, cuja limpidez só é manchada pela fumaça da lenha queimada na locomotiva movida a vapor.

Soichi, o rosto colado ao vidro da janela fechada, nem conversa, tamanha é a emoção que a diversidade da natureza desperta nele. De maneira especial, ele sente-se encantado com a visão das bananeiras carregadas de cachos verdes.

— Ituverava! — avisa o chefe de trem e imediatamente o encarregado de conduzir o grupo de japoneses diz, mais por gestos que por palavras, que o desembarque será feito na próxima parada.

— Que é isso? Será que teremos de viajar mais ainda? — reclama Katsu, cansada de estar viajando há mais de dois meses e surpresa ao ver os caminhões e as carroças para os quais são levados os japoneses que acabam de deixar o trem.

— São apenas dez quilômetros até a fazenda — diz Sonosuke depois de entender-se com o encarregado numa mistura de português de manual e de gestos.

A estrada esburacada provoca desconforto aos cansados viajantes, mas a decepção maior ocorre na chegada à Fazenda São Domingos. Embora ninguém tivesse chegado até ali com demasiado otimismo, a desilusão é geral quando os japoneses vêem as casas que lhes são destinadas, de tijolos sem reboco, nas quais os móveis resumem-se ao fogão de barro e às mesas, cadeiras e camas de madeira bruta.

Os Iwaya não são uma exceção e igualmente estão desapontados. Katsu examina os colchões de palha de milho:

— São ruins. Os nossos, de algodão, eram melhores.

— As casas também eram mais confortáveis — lembra Sonosuke — e não havia arame farpado em volta. Temos aqui, em compensação, um quintal atrás de cada casa e poderemos plantar verduras para o nosso uso.

— Viemos para trabalhar na lavoura e para assegurar um bom futuro aos nossos filhos. Se conseguirmos isso, mesmo em condições adversas, seremos felizes.

— Vamos enfrentar muitas dificuldades — prevê Sonosuke.

— Somos vinte e duas famílias e vamos ajudar-nos mutuamente, tanto no trabalho na fazenda como nos serviços de casa e no cuidado das crianças, para que os problemas sejam menores.

Na realidade, porém, as vinte e duas famílias não for-

mam um grupo muito unido nem homogêneo. Nos primeiros contatos com os outros meninos Soichi percebe que a diferença de hábitos e a variedade de dialetos servem mais para separar que para unir aqueles japoneses.

A fazenda tem mais de cem alqueires e ali são cultivados, principalmente, café, milho, feijão e arroz. O pasto é cuidado quase que exclusivamente por mulatos de mãos calejadas pelo cabo da enxada.

Nas outras áreas da fazenda, onde os japoneses trabalham lado a lado com os brasileiros, o trabalho não é menos pesado. Os japoneses têm experiência dos serviços de lavoura e usam técnicas que dão bom resultado, mas enquanto não se adaptam à nova condição sofrem na própria carne a natureza das tarefas diárias, agravada pela dificuldade de comunicação.

Sonosuke e Katsu estão resignados, mas sentem muita saudade da terra natal.

A alimentação é outro grande problema. Os adultos procuram acostumar-se à comida da fazenda, mas as crianças choram a falta do que estavam habituadas a encontrar no prato. Algumas frutas de que todos gostam e que são abundantes na fazenda, como as bananas e laranjas, amenizam a situação.

Soichi procura fazer amizade com os brasileiros da fazenda e quando tem folga do árduo trabalho na lavoura luta para superar o impasse da diferença de idiomas. Ele vai pronunciando as primeiras palavras no idioma português e fica feliz quando se faz entender. Vai repetindo sempre o que aprende até gravar na memória os novos vocábulos e todas as noites recorre ao manual que o pai recebeu em Kobe.

Em casa, os adultos preferem conversar em japonês, mas Soichi, que já sabe os nomes de algumas coisas que constituem o seu dia-a-dia, vai transmitindo aos irmãos o que conhece de português. À noite ele não pode estudar muito porque precisa levantar-se cedo, pois às cinco horas o sino

da fazenda acorda os seus moradores e às seis os lavradores já estão trabalhando.

Segundo o feitor, o trabalho é iniciado cedo para aproveitar o frescor da manhã, mas o serviço prolonga-se, todos os dias, só com pequenos intervalos para o almoço, até as dezenove horas.

— Com muita persistência e dedicação ao trabalho venceremos as dificuldades e seremos aceitos — diz Sonosuke a um grupo de conterrâneos que se queixa da rivalidade existente entre os trabalhadores.

— É isso mesmo — concordam os demais. — Com trabalho e paciência logo acabaremos com os problemas e os brasileiros não continuarão caçoando de nós, que produzimos pouco por não estarmos acostumados ao estilo de trabalho da fazenda.

— Até nós — diz um jovem robusto, de pele queimada de sol — que éramos pescadores, já estamos aprendendo a lidar com a enxada.

— Na derriça do café — observa Sonosuke — estamos produzindo tanto quanto os brasileiros, mas ainda falta-nos a prática no manejo da peneira.

A horta que os japoneses cultivam apesar do pouco tempo que lhes sobra é motivo de comentários entre os outros moradores da fazenda. Ela serve até para estimular o contato entre japoneses e brasileiros, pois sempre surge uma oportunidade para oferecer uma hortaliça a um vizinho.

— O feijão hoje está mais gostoso.

Katsu recebe o elogio e explica:

— Aprendi com a vizinha como temperá-lo. Ela também ensinou-me a fazer uns remédios de ervas para os meninos. Os brasileiros fazem muitos chás de ervas e aplicam folhas em cortes e feridas.

Este assunto interessa aos japoneses, que se dedicam ao cultivo de vegetais em geral e que desejam aprender a utili-

zar as plantas medicinais, pois na fazenda não há médico nem farmácia.

O sistema de pagamento pelo trabalho dos empregados da fazenda provoca desagrado a todos, pois o feitor considera apenas a quantidade nos seus relatórios ao patrão, não levando em conta a qualidade do serviço.

— Que adianta — queixa-se mais uma vez Sonosuke — fazer bem o serviço se o pagamento é feito segundo os sacos de café empilhados no fim do dia, não importando o esmero com que os grãos tenham sido colhidos, limpos e ensacados.

— Você sempre foi muito meticuloso em tudo que faz e não vai mudar mesmo que esteja sendo prejudicado — concorda Katsu. — Por isso, recebe menos que os outros. Ainda bem que a nossa horta produz bastante e, com a venda do excedente, estamos conseguindo o suficiente para o sustento da família.

— O armazém da fazenda também nos explora. Somos obrigados a comprar tudo lá e temos de aceitar as contas sem poder conferí-las. Assim, estamos sempre devendo e, o que é pior, não recebemos dinheiro nenhum.

Os japoneses, que se mostram unidos entre si na hora do infortúnio, aos poucos percebem que os brasileiros são amigos e prestativos.

Entre os brasileiros que têm contato com os japoneses destaca-se, pela simpatia e pela atenção que dá a todos, Antônio, o administrador da fazenda. Ele procura resolver os problemas que lhe são apresentados e tem para todos palavras amigas que, embora nem sempre sejam entendidas pelos japoneses, tornam mais fácil a convivência entre os lavradores.

— Quem é ele? — perguntam os japoneses ao verem pela primeira vez aquele homem de meia-idade que percorre a fazenda a cavalo, sendo saudado, respeitosamente, pelos trabalhadores e que, em resposta, sorri para todos e cumprimenta-os com um aceno de mão.

— É o dono — respondem os que já o conhecem. — É um homem muito rico e bom, que mora na Capital e, periodicamente, visita as fazendas que possui.

É boa a impressão que os Iwaya têm de Otávio de Almeida Prado ao conhecê-lo.

4

Nos primeiros tempos na Fazenda São Domingos competem a Soichi os cuidados da casa e dos irmãos menores Soji, Tadai e Tadayuki.

O pai, a mãe e a irmã Harue, que tem dezesseis anos, assim que clareia o dia, fazem a primeira refeição e seguem para o trabalho. Como todos os outros lavradores da fazenda, almoçam e tomam café no local de trabalho.

Todas as manhãs Soichi ouve a recomendação da mãe:

— Cuide da casa e dos seus irmãos, meu filho. Não esqueça de trazer água.

Esse é o trabalho de que mais se queixa Soichi, pois o rio onde ele vai buscar água fica a mais de quinhentos metros da casa e, para um menino de dez anos, é pesado carregá-la em latas de querosene.

Nessas caminhadas até o rio Soichi encontra um garo-

to um pouco mais novo, que também leva água para casa diariamente, com o qual faz amizade. Santinho é moreno escuro, simpático e irrequieto, e vive correndo atrás de pássaros e borboletas e mexendo em ninhos de marimbondos. Também toca violão e canta.

Com Santinho, nos encontros de todos os dias, Soichi prossegue o aprendizado de português, ainda com muitos gestos entremeados de poucas palavras.

Soichi vive fazendo perguntas ao novo amiguinho que, com paciência, vai ensinando os nomes de outras pessoas, das aves e das flores, das árvores e das ervas, de tudo que os rodeia. A vontade que Soichi tem de aprender a escrever em português esbarra, porém, num obstáculo: Santinho não sabe ler nem escrever.

Pouco tempo depois Soichi tem dois bons motivos para alegrar-se. Agora ele não precisa mais buscar água no rio pois a administração da fazenda constrói um poço para atender a todos os moradores daquele local e o poço fica atrás da casa dos Iwaya.

Outro motivo de satisfação é que Beatriz, uma professora recém-formada, decide improvisar uma escola na varanda da casa em que mora, na fazenda vizinha. Soichi é um dos primeiros a inscrever-se e não perde nenhuma aula de tão interessado que está em aprender.

Tendo de cuidar da casa e dos irmãos, Soichi consegue assistir às aulas mas quase não tem tempo de estudar nem de fazer as lições. Assim mesmo, contudo, logo passa a conhecer o alfabeto inteiro e a soletrar as primeiras palavras numa cartilha que pertence à professora e que tem marcas de ter sido usada em outras ocasiões.

As aulas duram pouco, no entanto, porque a professora muda-se da fazenda acompanhando a família e deixando frustradas as crianças.

Soichi tem observado, diversas vezes, alguns garotos

brincando ao redor de um homem preto que parece ser amigo deles. Certo dia Soichi aproxima-se do grupo.

— Venha até aqui — convida o homem. — Como é seu nome?

— Chamo-me Soichi. Posso brincar com vocês?

— Claro que pode. Vamos receber alegremente nosso novo amiguinho, pessoal. Ele vai sentar-se com vocês e escutar a história que justamente agora eu ia começar a contar.

— Gosto de ouvis histórias.

— E eu de contá-las .Meu nome é Custódio, mas todos me chamam de Baiano.

Soichi logo fica sabendo que além de contar histórias para a garotada Baiano ensina a ler e a escrever. Ao voltar para casa, está ansioso para contar ao pai:

— Conheci hoje um homem que ensina português, à noite, aqui na fazenda.

— Ele é professor?

— Não sei, mas o Baiano, como ele prefere ser chamado em vez de Custódio, ensina a alguns meninos e disse que posso começar a estudar quando quiser.

— Fico alegre por saber dessa nova oportunidade que você tem de aprender a falar, ler e escrever Eu já estava ficando preocupado por ver que o meu primogênito não tinha escola para freqüentar. Vá agradecer a esse homem e dizer que você irá à aula hoje mesmo.

Como na fazenda não há iluminação elétrica, é à luz de um velho lampião a querosene, cuja fumaça muitas vezes entope as narinas do professor e dos alunos, que Custódio, baiano e ministro da igreja batista, dá aulas de português a alguns filhos de lavradores.

Soichi mostra muito interesse em aprender e estuda com afinco. Com isso, melhora a pronúncia, mas a caligrafia ainda é irregular, principalmente se comparada à do Baiano, que escreve com extraordinária uniformidade.

— Soichi, quer ensinar-me japonês enquanto ensino português a você? — pergunta Baiano ao fim de uma aula.

Tendo sido apanhado desprevenido, Soichi tem de pensar um pouco antes de pedir confirmação do que acaba de ouvir.

— Eu, ensinar japonês?

— É. Ensinar só a falar. Há muito tempo tenho vontade de aprender a falar japonês e você pode ser meu professor.

Soichi acha que é uma brincadeira, mas Baiano insiste que a proposta é séria e daí em diante um ensina ao outro a língua natal e ambos fazem grande progresso no mútuo aprendizado.

5

Faz quase dois anos que os japoneses entendem-se com a administração da fazenda através de um intérprete de origem nipônica, contratado para esse fim. Certo dia, porém, o intérprete é demitido após uma divergência com a direção.

Graças ao que Soichi sabe de português é então indicado pelos japoneses para exercer aquela função, sendo aceito imediatamente pela administração da fazenda.

Por esse trabalho Soichi não recebe nenhum pagamento, mas sente-se orgulhoso por ter sido escolhido para desempenhá-lo. Está, igualmente, um pouco preocupado com a nova responsabilidade.

Conta, como sempre, com o incentivo do pai, que lhe diz:

— Sua mãe e eu estamos satisfeitos com o seu progresso e esperamos que não interrompa os estudos para poder

ser cada vez mais útil aos nossos semelhantes e aos nossos patrícios

— Seja prestativo, em toda a sua vida, com os que precisarem de você — recomenda Katsu, acariciando a cabeça do filho.

Soichi, no entanto, ainda não fala bem o português. Para não desapontar os que confiam nele passa a estudar mais e trata de decorar frases e palavras que pretende empregar aos domingos, quando vai a Ituverava fazer compras.

Nas lojas, os gerentes e os vendedores mostram surpresa ao terem de lidar com um menino de doze anos, de pequena estatura, que usa chapéu de abas largas e defende brilhantemente os interesses dos clientes japoneses.

Como Soichi também trabalha na lavoura sobra-lhe pouco tempo para dedicar aos estudos que, no momento, representam o principal propósito da vida dele. Para atender aos insistentes pedidos do filho, que deseja estudar num colégio, um dia Sonosuke propõe ao administrador da fazenda que seja rescindido o contrato de trabalho. O administrador pede a Sonosuke que aguarde uma resposta, já que o assunto terá de ser levado à consideração do proprietário da fazenda.

Depois de algum tempo, Sonosuke é chamado à sala do administrador, onde é recebido por Otávio de Almeida Prado:

— Estou sabendo que você quer deixar a fazenda. Posso saber o real motivo que o leva a isso?

Surpreso pela presença do dono da fazenda, Sonosuke esclarece:

— É por causa de meu filho, o mais velho, que quer continuar estudando e na fazenda não há escola.

— Se é só por isso que você deseja ir embora, quero fazer-lhe uma proposta. Sei que você é bom trabalhador, dedicado, eficiente e honesto, além de ter características de li-

derança. O seu filho também é um bom rapaz, esforçado no trabalho e que gosta de estudar. Se você concordar, posso custear os estudos dele na Capital, matriculando-o no colégio em que meus filhos estudam.

— Muito obrigado, Doutor Otávio. O senhor é muito generoso.

— Quanto a você, passa a ser auxiliar do Antônio, com um ordenado maior que o atual. Tenho certeza de que com você nesse cargo o entendimento com as famílias japonesas será o melhor possível.

— Muito obrigado, mais uma vez. Eu gostaria de dizer que aceito a sua proposta, mas preciso pensar um pouco

Sonosuke vê que, finalmente, o seu trabalho está sendo reconhecido. Fica lisonjeado com a proposta recebida mas, ao mesmo tempo, sente-se indeciso quanto a aceitá-la, pois pretende manter a família unida, ainda que isso exija algum sacrifício.

Depois de consultar Katsu, que tem a mesma opinião, Sonosuke comunica ao administrador que agradece, sinceramente, o oferecimento do proprietário, porém não pode aceitá-lo...

Sonosuke espera que Soichi, de algum modo, possa ir à escola sem necessidade de separar-se da família e logo passa a tratar dos planos de mudança da Fazenda São Domingos.

6

Em 1937 a família Iwaya chega ao bairro de Cocuera, em Moji das Cruzes, e fica dez dias na casa de Toyozo Ono, que é um dos primeiros imigrantes japoneses a ter-se instalado nessa cidade paulista. Sonosuke dá preferência a morar em Moji das Cruzes pelo fato de ali viverem alguns patrícios vindos da Província de Fukushima e ficar perto deles é uma forma de matar a saudade do Japão.

A mudança faz bem a todos, porém o mais feliz é Soichi porque, finalmente, aos treze anos, tem o ensejo de estudar numa escola.

Ainda na casa de Toyozo Ono, quando fica sabendo que no bairro há uma escola japonesa e que na cidade funciona uma escola mista, Soichi fica radiante por obter do pai a promessa de ser matriculado logo que a família esteja instalada na nova casa.

Nessa noite Soichi perde o sono e rememora o sofrimento que a família tem passado. A vida no Japão, a longa e cansativa viagem em busca de melhores dias, a penosa adaptação aos costumes da nova terra e o duro trabalho na Fazenda São Domingos, onde o irmão Tadayuki faleceu e a irmãozinha Lília nasceu, desfilam na mente do menino que conhece as responsabilidades que tem perante os pais e irmãos na condição de filho homem mais velho.

Soichi sabe que só poderá dar ajuda aos pais e irmãos se estudar muito para deixar de ser um trabalhador de roça. Toma, então, a decisão de não perder a oportunidade que, agora, está ao alcance dele e promete a si mesmo estudar até conseguir uma profissão rendosa.

Sonosuke arrenda um sítio e passa a cultivar árvores frutíferas, principalmente pereiras, bananeiras e laranjeiras. A casa de alvenaria onde a família passa a morar é cercda por um bosque de eucaliptos que dá sombra no verão e protege do vento no inverno.

Soichi é matriculado na escola japonesa e, logo depois, na escola mista, que fica a quase cinco quilômetros da casa, percurso que ele faz diariamente, indo e vindo com os meninos da redondeza, entre os quais há vários descendentes de japoneses. Contente por freqüentar duas escolas e por ter novos amigos, sente-se um pouco desajustado na escola mista onde, na mesma sala, estudam alunos da primeira, da segunda e da terceira séries, todos tendo de oito a dez anos, enquanto ele já tem treze. Além disso, na escola japonesa Soichi cursa a quinta série e na escola mista está matriculado somente na segunda.

Nessa escola ele recebe da professora Antonieta as primeiras aulas de educação cívica e moral, bem como de religião. Os alunos que não são católicos são dispensados da aula de religião e, na primeira vez, Soichi acompanha os que se retiram da sala para brincar no pátio.

Sem tempo sequer de pensar no que fazer durante a inesperada folga, Soichi é levado de volta pela colega de sala Angélica Sagawa, que lhe diz:

— Você é católico, venha assistir à aula!

— Quem disse a você que sou católico?

— Ouvi sua mãe dizer à minha que gostaria que você freqüentasse a igreja católica, pois seus pai não se oporia, embora ele não seja católico.

Dona Antonieta, ao saber que Soichi não é batizado, entra em contato com os pais dele e obtém permissão para orientar o menino para a realização do batismo.

— Vai ser necessário escolhar um nome cristão para batizar o menino — esclarece Dona Antonieta.

— Se assim é, pedimos que nos ajude na escolha.

— Os pais e que devem indicar o nome.

— Não havíamos pensado nisso, até agora, e não é fácil achar logo um nome que seja do nosso agrado.

— Não tenham pressa. Pensem bem e quando acharem um nome de que gostem avisem-me para que eu possa informar ao padre. Podem escolher, se quiserem, o nome de alguém que vocês conheçam e, como homenagem, queiram dá-lo ao menino.

— Pode ser Armando? — pergunta Sonosuke. — Como o do Interventor do Estado de São Paulo?

— Claro que pode.

— Então será Armando o nome de batismo de Soichi.

Em 15 de novembro de 1937, uma segunda-feira e feriado nacional, tendo como padrinhos Gabriel Pereira Filho e Maria Augusta Reis, ambos professores, Soichi é batizado pelo Padre Lourenço, da Ordem dos Redentoristas, com o nome de Armando.

Quando é inaugurado o novo grupo escolar, construído pelos moradores e doado ao Estado, Soichi está na terceira

série porém, em virtude da reformulação que ocorre, passa para a quarta.

Certa vez, a professora pergunta a todos os alunos o que querem ser ou pretendem fazer.

— Quando crescer quero ajudar meus pais — diz Shigueno, que é filho de granjeiros.

— Pretendo cuidar de frutas, como meu pai — esclarece Saburo.

Toshimi Saito, amigo de Soichi, diz que quer ajudar os pais na plantação de verduras e batatas, enquanto Angélica Sagawa, filha do gerente da cooperativa, declara que pretende poder ir, de bicicleta, estudar na sede do município e, mais tarde, fazer curso superior em São Paulo.

— E você, Soichi?

— Quero estudar no ginásio e ,em seguida, entrar numa faculdade.

Alguns riem e outros não entendem como o filho de um lavrador, que nem é proprietário de terra, mas simples arrendatário, aspira estudar numa faculdade. Todos acham que é obrigação de Soichi pensar apenas em ajudar a família no serviço da lavoura, mas a declaração dele é sincera, pois o sonho dele é ter uma profissão liberal que assegure condições de poder auxiliar aos que precisem.

Enquanto outros alunos vão respondendo à pergunta da professora, Soichi parece estar ouvindo a voz do pai: "Quando você crescer, meu filho, procure sempre ser útil à coletividade. Nunca esqueça que mais vale ser prestativo do que ter a pretensão de ser importante".

Soichi confirma, para si mesmo, a decisão de estudar cada vez mais para vencer na vida e poder ajudar a família, a colônia japonesa e a coletividade de maneira geral.

Certo dia, na hora do jantar, Sonosuke nota que Soichi tem algum problema e pergunta:

— Você está diferente desde quando chegou da Escola. Aconteceu algo?

— Não aconteceu nada na escola hoje, pai. Há algum tempo, porém, venho meditando sobre um assunto e acho melhor contar logo do que se trata. Penso que devemos mudar-nos para São Paulo.

Sonosuke olha o filho com grande espanto:

— Por que?

— Na Capital certamente terei condições de estudar em escolas melhores, fazer um curso superior e conseguir emprego em alguma cooperativa agrícola para ajudar os que trabalham na lavoura.

— Isso é bonito, meu filho, mas acho que existe outro motivo para você querer ir para a Capital. É preciso considerar, ainda, que você teria de interromper os estudos, pois estamos em agosto e o ano escolar só termina em dezembro.

— Acho que será possível matricular-se em alguma escola sem precisar esperar até o próximo ano. Há, porém, outro motivo para que eu fale em mudança. Já tenho quatorze anos e quando não estou estudando fico ajudando nos trabalhos na roça e prestando atenção às transações comerciais que são feitas. Conheço, portanto, as manobras inescrupulosas dos compradores de vagem, pera, banana, laranja, alface e feijão e não considero justo que eles explorem os que se dedicam de sol a sol ao trabalho na lavoura, enfrentando os prejuízos causados pelas pragas e pela variação do clima.

— Eu não sabia que você se interessa por esses assuntos.

— Interesso-me e sei que uma caixa de peras, por exemplo, vendida aos intermediários por 4$000, (*) na realidade é vendida por 2$000, pois a embalagem custa, igualmente, 2$000. No mercado municipal de Moji das Cruzes, a dez qui-

(*) 4$000 = quatro mil réis. Na época, a moeda brasileira era o real, que foi substituído pelo cruzeiro em 1942.

lômetros, a mesma caixa de peras é revendida por 8$000. O mesmo se dá com os outros produtos que os lavradores entregam aos intermediários, cabendo a estes um lucro de mais de cem por cento, quase sem nenhum trabalho, por ocasião da venda feita aos varejistas.

— É verdade, Soichi. A situação do lavrador é triste. Trabalhamos muito e nosso ganho é pouco. Sem dinheiro e sem financiamento não podemos melhorar a produção. E ainda temos de pagar o arrendamento da terra.

— Por isso acho que devemos ir para São Paulo. Aqui estamos passando dificuldades e não temos nenhuma perspectiva de melhora.

— Antes de tudo, você precisa terminar o curso no grupo escolar e na escola japonesa.

— Não devemos perder tempo. Precisamos mudar-nos o quanto antes.

— Entendo a sua pressa, mas deixe-me pensar melhor no assunto.

No fundo, Sonosuke e Katsu, que agora têm mais uma filha com o nascimento de Luíza, estão cansados dessa vida em que muito têm de trabalhar e quase nada ganhar. Por isso dão razão ao filho.

Em conversa com o amigo e conselheiro Toyozo Ono, alguns dias depois, Sonosuke expõe o plano de mudança e recebe firme apoio:

— Foi bom você ter vindo falar comigo hoje sobre isso pois, por uma feliz coincidência, está aqui o nosso amigo Sagawa, que poderá ajudá-lo.

Posto a par do problema, Sagawa, o gerente da Cooperativa Agrícola de Moji das Cruzes, apóia sem nenhuma hesitação a idéia de Sonosuke:

Você faz bem em querer dar mais conforto à família e colocar seus filhos em boas escolas. Vou pedir a um amigo que tem um caminhão para que leve a sua mudança. Vá à

pensão que fica na esquina das Ruas Tabatinguera e Conselheiro Furtado, que você vai ser bem atendido. Além disso, moram nas imediações muitos japoneses, o que vai facilitar a solução de alguns problemas que, certamente, você terá de enfrentar numa cidade desconhecida.

Sonosuke agradece a colaboração de seus amigos e anota, ainda, endereços de patrícios vindos da Província de Fukushima que estão morando em São Paulo.

7

A mudança para a Capital faz bem aos Iwaya, que logo formam novas amizades e sentem-se como se tivessem reencontrado um recanto do Japão no bairro da Liberdade, o preferido pelos japoneses em São Paulo.

Reanimados pela esperança de viver melhores dias, procuram imediatamente colocar em prática os projetos trazidos de Moji das Cruzes.

Enquanto Sonosuke empenha-se em achar um emprego, Soichi matricula-se no Grupo Escolar Campos Sales, depois de um pequeno contratempo. Ao constatar que no boletim de transferência emitido pela escola de Cocuera está registrada a passagem da segunda para a quarta série em apenas um ano, a diretora quer que Soichi curse a terceira série. Como ele insiste em ser matriculado na quarta série, ocorre um impasse, que é resolvido pela providencial chegada da

professora Áurea à sala da diretora. Inteirada do que se passa ela, com um sorriso quente e os olhos repletos de simpatia, apóia a pretensão de Soichi com um comentário lisonjeiro:

— Os japoneses são, em geral, bons alunos e se ele já estava na quarta série em Cocuera acho que pode ser matriculado também aqui na mesma série.

— Está bem — acaba concordando a diretora. — Vou incluí-lo na quarta série. Procure não faltar às aulas e estude bastante para acompanhar a turma.

— Sim senhora. Obrigado por ter-me aceito. Voltarei amanhã para a primeira aula e pode ter certeza de que vou estudar muito.

— Ao chegar à sala de aula, no dia seguinte, Soichi tem a agradável surpresa de saber que a professora é Dona Áurea, a mesma que convencera a diretora a matriculá-lo na quarta série. Ao mesmo tempo, sente uma decepção ao receber ordem de acupar a última carteira, no fundo da sala, por pensar que vai ser interrogado a respeito dos seus conhecimentos e que terá de provar que está em condições de cursar a quarta série. O motivo de ele ser colocado no fundo da sala, no entanto, como explica a professora, é a sua maior altura, o que é natural, já que os outros alunos têm em torno de onze anos e ele completou quatorze em março.

No fim de novembro Soichi é aprovado com nota noventa e cinco e a diretora vem cumprimentá-lo:

— Parabéns, menino. Eu não acreditava que você pudesse acompanhar a quarta série. A sua nota, porém, é igual à do Guilherme, que sempre foi o primeiro da classe. Continue estudando e seja feliz!

Soichi trabalha com o pai na Tinturaria Universal, que fica perto da Aclimação, fazendo entrega de roupas lavadas. Katsu e Harue ajudam nos serviços da tinturaria, em cujo prédio mora a família toda.

Para não perder as aulas Soichi só trabalha metade do

dia. Ele aprende logo o serviço e, em pouco tempo, conhece os fregueses e sabe onde ficam os bairros, bem como as ruas por onde tem de andar.

Um dia, o dono da tinturaria diz a Sonosuke:

— Eu gostaria que seu filho passasse a trabalhar o dia inteiro, pois o serviço dele é bem-feito e estou disposto a aumentar o ordenado.

— Obrigado, Senhor Umino. Considero boa a sua proposta, mas não é conveniente que ele interrompa os estudos.

— Posso estudar à noite — interfere Soichi, que não quer perder a oportunidade de ganhar mais e, dessa maneira, dar melhor ajuda aos pais.

Feito o acordo, Soichi passa imediatamente a trabalhar o dia inteiro e pede transferência para o curso noturno do Ginásio Paulistano.

Algum tempo depois, a família Iwaya deixa a Tinturaria após um desentendimento com o proprietário, que exige mais trabalho de todos em troca de um salário excessivamente baixo.

Os Iwaya passam, então, a residir num sítio em Guarulhos, onde Sonosuke cuida, com bastante competência, da lavoura e do gado. Soichi e Harue trabalham numa fábrica de doces.

O novo emprego de Soichi obriga-o, porém, a interromper os estudos, situação à qual ele sujeita-se de cabeça erguida, mas com grande ressentimento e na certeza de logo reiniciá-los.

De volta ao ambiente que conhecem, Sonosuke e Katsu, como peregrinos que buscam estabilidade, sentem-se bem no sítio, onde as árvores, verdes como a esperança, sussurram ao vento e servem de pouso para as aves que contam em profusão, enquanto o sol aquece o ar puro.

Não muito tempo depois, por motvio de novo desentendimento com o patrão, Sonosuke decide levar a família de

volta à Capital e conta, com isso, com o apoio do amigo Toyoshi, dono da Publicadora Nipo-brasileira.

Toyoshi edita revistas e outras publicações estatístico-científcias em japonês e português e oferece emprego no escritório a Soichi, bem como aos pais dele, que ficam encarregados da limpeza do prédio e da manutenção do jardim. Todos ficam morando no prédio da editora, na esquina da Rua Conselheiro Furtado com a Rua Santa Luzia.

Depois de completar um rápido curso de datilografia no Instituto 15 de Novembro, Soichi é promovido a auxiliar de escritório e recebe orientação e estímulo, principalmente, dos advogados Durval Carreira Castro e Silva e Mário Engelberg de Moraes, que fazem parte do quadro de redatores da firma.

O Diretor do Ginásio Paulistano, onde Soichi estuda, Carlos Pascale, sugere que ele faça o curso comercial:

— É fácil e rápido. Com ele você terá melhor base em futuros cursos e poderá ir aplicando desde logo, no serviço, o que aprender.

— Também penso assim. Agradeço-lhe a sugestão e, no início do ano, vou procurar fazer a matrícula.

Soichi, porém, vê-se obrigado, novamente, a interromper os estudos, desta vez devido à doença da mãe. As despesas que têm de ser feitas com o tratamento impedem qualquer gasto com escola.

No dia 4 de julho de 1943, apesar de todos os cuidados médicos e do tratamento recebido no Hospital Matarazzo, falece a mãe de Soichi, a ardorosa incentivadora de todos os seus projetos.

8

Com o falecimento de Toyoshi, assume a direção da Publicadora Nipo-brasileira o seu gerente que, em pouco tempo, provoca o afastamento de grande número de clientes e de vários empregados. Em 1944 a firma vai à falência e Soichi e os pais perdem o emprego mais uma vez.

Graças à interferência de Durval Carreira Castro e Silva e Mário Engelberg de Moraes, dois ex-funcionários da editora, logo Soichi consegue emprego no Grêmio Cultural Nipo-brasileiro, que é uma entidade fundada por estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Entre outras atividades são ensinadas língua e cultura japonesa aos associados.

Soichi é cobrador de mensalidades e auxiliar de escritório, mas conhece ali ilustres professores como Mário Botelho de Miranda, Paulo Morita, Guilherme de Almeida, Jairo

Cézar de Siqueira, João Batista Debieux, Kiyoshi Ando e o ex-embaixador do Japão na Argentina, Shigetsuna Furuya, no convívio dos quais fortalece-se o ideal de amalgamar a amizade de japoneses e brasileiros.

Quando o Grêmio Cultural Nipo-brasileiro é fechado pela Polícia de Ordem Política e Social, Soichi arranja emprego numa livraria da Rua Conselheiro Furtado, com a ajuda de Kiyoshi Ando.

Um dia, ao voltar, carregando vários pacotes, de uma distribuidora onde havia ido buscar material escolar, Soichi vê, com grande surpresa, um caminhão da polícia na frente da livraria.

— Que é isso? — pergunta a um dos empregados que joga no caminhão livros japoneses que a livraria vendia, entre outros.

— É ordem da polícia. A livraria está sendo fechada e os livros japoneses serão queimados.

Soichi não se contém e dirige-se ao policial que comanda o confisco dos livros:

— Sou empregado da livraria e não discuto a ordem da polícia, mas quero pedir-lhe um favor. Sou arrimo de família e não posso ficar sem emprego. Se eu não trabalhar a minha família vai passar fome. Pode sugerir-me um lugar onde eu possa procurar trabalho?

— Vou expor o seu caso ao Delegado de Ordem Política e Social. Procure-o amanhã nesse endereço — responde o policial dando a Soichi uma folha de papel na qual escrevera o nome do delegado acompanhado do endereço da delegacia.

No dia seguinte Soichi chega à delegacia e é recebido com simpatia pelo delegado, que ouve o seu pedido e, imediatamente transmite-o a alguém por telefone. Finda a conversa, escreve um bilhete, envelopa-o e diz a Soichi:

— Leve isto ao Interventor da Cooperativa Agrícola de Cotia, que vai ajudá-lo a obter um emprego.

— Muito obrigado. Irei hoje mesmo até lá.

A cooperativa está sob a direção de um interventor brasileiro como todas as firmas japonesas ou que tenham maioria de funcionários japoneses, mas Soichi está novamente com emprego assegurado. Como auxiliar de contabilidade recebe Cr$ 350,00 por mês e, fazendo economia, consegue viver durante algum tempo. Logo, porém, vê-se na obrigação de procurar um segundo emprego, já que não pode mais custear os estudos devido à despesa com condução, pois a cooperativa fica na Rua Cardel Arcoverde, no bairro de Pinheiros, longe de casa.

O novo emprego é de entregador do jornal Paulista no qual o ordenado é de Cr$ 150,00 por mês, o que dá para pagar o Colégio e para outras pequenas despesas. Ele tem de levantar-se às quatro horas e tomar o ônibus da Vila Zelina, que o deixa na Vila Prudente. Dali segue de bonde até a Liberdade, onde fica a redação do jornal. Todas as manhãs, carregado de jornais, atravessa o Viaduto do Chá e toma o bonde em frente à Ligt para ir ao bairro de Pinheiros.

Correndo, Soichi faz a entrega dos jornais e, correndo, chega à cooperativa às sete e meia. Ao meio-dia, nem sempre tem dinheiro para almoçar, contentando-se com algumas bananas e pão. Terminado o expediente, faz um lanche e dirige-se ao centro da cidade, apressadamente, para assistir às aulas que, em determinados dias, prolongam-se até quase a meia-noite.

Ao voltar para casa Soichi está de tal maneira cansado que às vezes nem quer comer, preferindo ir logo dormir.

Se não estar sozinho, é confortador, Soichi consola-se ao encontrar diariamente tantos outros escravos do dever

que, como ele, estão na rua às quatro horas indo para o trabalho.

No ano seguinte, depois de passar por séries dificuldades, chegando a não ter dinheiro nem para comprar livros, Soichi acaba o curso de Contador na Escola de Comércio Doutor Carlos de Campos.

— Agora tenho um diploma, pai. Espero arranjar sem demora um bom emprego.

— Sim, você tem um diploma. Quanto sua mãe esperava por esse dia! Fico orgulhoso do seu progresso, mas não esqueça que somos japoneses e, por isso, para nós aqui tudo é mais difícil.

— Podemos vencer os obstáculos.

— Não é fácil. Veja o meu caso. Agricultor sem outra profissão, às vezes penso em sair daqui, mas não posso viajar sem o salvo-conduto, que é difícil obter. Não sei falar português e é proibido falar japonês.

— Por estar mal-informada a polícia persegue injustamente pessoas honestas, ansiosas apenas por um trabalho que proporcione o pão de cada dia, confundindo-as com quem esteja ligado ideologicamente com o nazi-fascismo — completa Soichi.

O pai dele tem razão ao comentar a situação com pessimismo. Com base numa lei promulgada pelo Presidente Getúlio Dorneles Vargas e que cerceia aos estrangeiros o desempenho de profissão liberal, é negado o diploma a Soichi. A escola só fornece o certificado de conclusão do curso, documento de nenhum valor, pois o Ministério da Educação não faz o seu registro.

Soichi possui o curso de Contador, mas tem consciência de que, sem prática na profissão, na cidade de São Paulo não é nada fácil progredir. Decide, então, seguir sozinho para o Norte do Paraná, região em pleno desenvolvimento, onde

várias cidades surgem praticamente da noite para o dia e da qual muito se fala em São Paulo.

Para não desiludir o pai, que acredita que só por ter concluído um curso, cujo diploma nem está registrado, o filho já tem condições de exercer com sucesso a profissão, bem como por saber que é inútil pedir permissão para viajar sem a família, toma Soichi a decisão de sufocar o sentimentalismo e empreender com confiança a caminhada rumo à independência.

— Ele já está viajando. O trem sai cedo — diz Sonosuke aos outros filhos, conformado após a surpresa causada pela descoberta da carta sobre a mesa.

— Talvez o trem esteja atrasado e ainda possamos encontrá-lo na estação — sugere um dos irmãos.

— O trem nunca sai atrasado e é inútil ir até a estação — diz outro com desânimo.

— Soichi decidiu procurar trabalho em outro lugar com a intenção de ajudar-nos, como ele próprio diz na carta. Não posso aprovar a atitude dele, mas tenho de reconhecer o bom propósito que o move. Vamos esperar, portanto, que ele seja bem-sucedido. Aí está a carta que ele deixou. Leiam-na vocês mesmos e procurem compreender o gesto de seu irmão.

Sonosuke passa aos filhos a carta que já leu e releu:

"Querido Pai:

Perdoe o meu gesto, mas não tenho coragem de dizer-lhe pessoalmente que ainda não estou em condições de progredir na profissão, aqui na Capital, porque não possuo nenhuma prática do serviço e meus conhecimentos teóricos não bastam para que eu atinja um desempenho capaz de assegurar um ganho melhor.

Tenho certeza de que será bem mais fácil obter um emprego numa cidade menor e adquirir a experiência que me falta.

Sei que o senhor e meus irmãos serão ajudados por seus amigos.

Acredito que breve estaremos novamente juntos e em situação melhor que a de agora. Virei buscá-los logo que puder.

Vou tomar o trem que sai de manhã.

Confiem em mim.

Soichi"

9

No trem que segue em direção a Ourinhos, onde deverá ser feita baldeação para Londrina, com o pensamento tumultuado e já com saudade da família, Soichi conversa com uma senhora simpática que viaja com a filha:

— Então a senhora também vai para Londrina?

— Moro lá. Fui com minha filha visitar uma irmã que mora em São Paulo.

— É a primeira vez que vou a Londrina e talvez a senhora possa indicar-me um hotel.

— Acho que gostará do Hotel dos Viajantes, que é bom e pertence a um japonês.

No hotel, logo em seguida ao jantar, Soichi explica ao proprietário que, ao contrário da maioria dos hóspedes, não é um viajante comercial:

— Sou recém-formado em contabilidade, Senhor Ho-

saka, e estou à procura de uma colocação. Em São Paulo é difícil conseguir um bom emprego sem ter prática do serviço.

— Aqui o desenvolvimento das novas cidades é rápido e, em algumas, há falta de contadores. Creio que em Três Barras (*), aqui perto e onde moram muitos japoneses, você terá boas possibilidades de progredir.

— Muito obrigado pelas boas informações. Vou seguir a sua sugestão.

No dia seguinte, um claro dia de março de 1946, às sete horas Soichi toma o ônibus com destino a Três Barras. Logo que o pequeno veículo, conhecido como jardineira, deixa a cidade, a poeira penetra pelas janelas mal-protegidas pelas cortinas de lona e tinge os rostos e as roupas dos passageiros.

As muitas paradas para embarque e desembarque de passageiros, todos carregando malas e sacolas, e o mau estado da estrada fazem com que não seja possível prever a hora da chegada.

A primeira impressão de Soichi é a de ter chegado a uma aldeia como as dos filmes de faroeste. Parado numa rua sinuosa e cheia de buracos, fica olhando as casas de madeira do alto dos morros, outras precariamente equilibradas nos declives, todas mal-alinhadas e com chaminés fumegando.

Cordialmente recebido pelo Senhor Ikeda e por Dona Catarina, proprietários do Hotel dos Viajantes, que lhe fora recomendado ainda em Londrina, Soichi procura sem demora descansar da curta porém cansativa viagem.

Ao olhar pela janela do hotel, na manhã do dia seguinte, a pequena rua pomposamente chamada de Avenida Rio de Janeiro, Soichi dá-se conta de que, finalmente, está no lugar em que deverá viver e trabalhar, isolado da família,

(*) Três Barras teve o nome mudado para Assaí que, em japonês, quer dizer "o nascer do Sol".

com o intuito de ganhar bastante dinheiro e de adquirir experiência profissional.

Como todos os forasteiros têm a obrigação de apresentar-se à delegacia de polícia, munidos dos seus documentos, logo depois do almoço Soichi dirige-se àquela repartição, prevenido de que em Três Barras e na vizinha cidade de Uraí (palavra que no idioma japonês significa "o pôr do Sol"), onde prevalece a colônia japonesa, existe uma atmosfera de desconfiança contra os nipônicos.

— Que deseja? — pergunta o suplente de delegado.

— Sou Soichi Iwaya, japonês, contador, cheguei ontem e vim apresentar-me como exige a polícia.

— Desse assunto só o delegado trata e ele não está.

— Posso esperá-lo aqui?

— Pode. Sente-se.

Soichi não está preocupado, já que seus documentos estão em ordem. Vai até a janela e, surpreso, vê que no pátio da delegacia há um grande número de japoneses. Uns sentados no chão, outros de cócoras, rodeados de pratos e marmitas, estão conversando enquanto comem. Alguns são velhos e a preocupação e a tristeza são visíveis nos rostos de todos.

Quando o Cabo Dirceu Mendes passa pela sala Soichi pergunta a ele a razão de estarem ali aqueles japoneses. Fica sabendo, então, que quarenta e dois japoneses pertencentes à organização Shindo Renmei, formada pelos que não acreditam na derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, estão presos há mais de quarenta dias. Como é hora do almoço, recebem a visita de parentes e de alguns amigos que lhes trazem comida.

Nesse momento ocorre a chegada do delegado, Tenente João Dias Paredes, que se informa da razão da presença de Soichi e leva-o ao gabinete. Depois de ver que os documen-

tos estão em ordem pergunta-lhe o que tem em vista fazer em Três Barras.

— Espero arranjar um bom emprego, no qual eu possa adquirir a experiência que me falta e ganhar o suficiente para manter-me e ajudar meu pai e meus irmãos que ficaram em São Paulo. Quero, também, fazer algo pelos meus semelhantes, auxiliando-os sempre que possível. Fiquei sabendo, há pouco, que quarenta e dois japoneses, sendo que alguns deles são velhos, estão presos há mais de quarenta dias. Talvez eu possa ajudar a resolver esse problema.

— São revoltosos e não se submetem à lei.

— O caso é mais de falta de esclarecimento que de desrespeito à lei. Por serem idosos não percebem que os tempos já são outros e, como não sabem falar nem ler português, são facilmente enganados por inescrupulosos conterrâneos que escondem a verdade para poder explorá-los.

— E o que pode ser feito para esclarecer a situação?

— Posso servir de intérprete, pois os presos não falam português e nenhum policial fala japonês.

— Aceito o seu oferecimento. Justamente por falta de intérprete é que o processo está parado.

Dessa maneira, Soichi obtém trabalho no primeiro dia que passa na cidade. Com a ajuda dele, o processo que havia sido iniciado pelo Delegado Regional de Londrina, Divonsir Borba Cortes, é encaminhado ao Promotor Oadir Barbosa, recém-chegado de Curitiba, que o conclui com o pedido de libertação dos presos e remete-o ao Chefe de Polícia, a quem compete dar a palavra final nessa delicada questão.

Soichi esclarece pormenorizadamente ao delegado e ao promotor que aqueles homens não estão agindo, de nenhuma forma, deliberadamente contra a integridade nacional nem as autoridades constituídas, mas apenas recusam-se a aceitar que o Japão assinou a rendição. Pelo fato de não conhecerem a língua portuguesa e por estar proibida a cir-

culação de jornais japoneses, não sabem o que a imprensa publica e ficam alheios à realidade. Recebem, além disso, a influência de alguns patrícios interessados em tumultuar a situação.

— Os presos — conclui Soichi — são vítimas, em primeiro lugar, da própria teimosia por não terem demonstrado interesse em aprender o português. Como o Brasil precisa de trabalhadores e não de prisioneiros, soltá-los logo é a melhor solução.

— Acho que você tem razão e proponho que diga isso tudo ao Chefe de Polícia, através de uma carta com o endosso do promotor — sugere o delegado.

Soichi assim faz e pouco tempo depois, ao receber a notícia de que os presos foram soltos, sente a alegria de ter servido de mediador da paz para os japoneses que estavam sofrendo as agruras da incompreensão.

10

Soichi mantém-se firme no propósito de encontrar um emprego em que possa aprimorar os conhecimentos teóricos de contabilidade e adquirir a experiência que ainda falta para o seguro desempenho do trabalho. Por isso aceita, de imedia to, a proposta que lhe faz Armando Cravo Sobrinho, Inter ventor da Cooperativa Agrícola de Assaí.

— Venha trabalhar na cooperativa. Acho que há uma vaga no setor de contabilidade.

— Agradeço-lhe a oportunidade que me dá. Quando posso começar?

— Imediatamente. Apresente-se amanhã ao Santos.

— Assim farei. Vou procurar adaptar-me ao grupo o quanto antes.

Soichi logo integra-se ao estilo de trabalho da eficiente equipe chefiada pelo Santos, da qual fazem parte Jorge Shim

ba, Osvaldo Yokoyama, Toshio Kian, Paulo Kurihara, Francisco Rocha, Adolfo Rodrigues e Mário Alves, que se tornam verdadeiros amigos do novo funcionário. Santos, além de chefe é igualmente um grande amigo de Soichi, a quem orienta e auxilia na solução de questões que a inexperiência faz com que pareçam difíceis de resolver.

Tomotada Ikeda, Diretor Gerente da Cooperativa Agrícola de Assaí, e Nagai, Gerente da mesma, também dão apoio ao novo empregado que, em pouco tempo, torna-se conhecido como competente profissional e passa a ser procurado no Hotel dos Viajantes, local em que mora, por pessoas que pedem orientação para a solução de problemas de contabilidade. Há, também, quem pede ajuda em outros assuntos, como no encaminhamento de documentos de várias espécies.

Um dia, o amigo Furucho propõe a Soichi que abra um escritório:

— Tenho observado que muitas pessoas, principalmente os japoneses, procuram-no a respeito dos mais diversos problemas e você dá assistência a todos, como se fosse um despachante.

— Preciso ajudar os que têm alguma dificuldade.

— Às vezes você atua até como conselheiro e o seu prestígio cresce dia a dia. Por que você não aluga uma sala no centro da cidade, de preferência junto a uma casa comercial, para atender melhor aos que vêm à sua procura?

Soichi segue a sugestão do amigo e aluga uma pequena sala. Com isso, aumenta o número de clientes e diversificam-se mais ainda os assuntos trazidos a ele. Logo a pequena sala tarnsforma-se no primeiro escritório de contabilidade de Assaí e, além das tarefas profissionais, Soichi realiza um elogiável trabalho de integração entre brasileiros e japoneses.

Como a maioria dos clientes é composta de japoneses, sendo que alguns nem falam o português, Soichi tem de tratar pessoalmente de todos os casos, desde os referentes a contabilidade, requerimentos e consultas a autoridades até os de

encaminhamento de papéis de casamento. Fazendo isso fora do horário de trabalho na cooperativa, sente-se cada vez mais sobrecarregado de serviço. Por esse motivo e pelo fato de ainda não ter registrado o diploma ele convida outro empregado da coperativa, Toshimi Kian, para sócio do escritório com a incumbência de assinar os documentos onde é exigida a identificação do contador.

No contato com os japoneses Soichi não perde ocasião de exercitar a vocação revelada na infância e jamais esquecida de lutar permanentemente pela maior aproximação e pelo melhor entendimento entre os homens, de maneira muito especial, entre brasileiros e japoneses, mostrando a estes que o tempo evolui e que é necessário adaptar-se às novas situações. Mesmo encontrando resistência, ele procura fazer com que todos saibam que o Japão, perdedor da guerra, transforma-se rapidamente num país moderno, muito diferente daquele que os imigrantes guardam na sua memória. Faz com que sintam a realidade e compreendam que, estando no Brasil, devem oferecer aos filhos uma educação adequada à época e ao local em que vivem, com respeito pelo passado, mas com plena consciência do presente.

Em outra função, a de tradutor e intérprete juramentado da língua japonesa, Soichi também realiza importante trabalho de integração ao buscar o fortalecimento da amizade entre brasileiros e japoneses, que é prejudicada pela desconfiança mútua.

A doutrinação de Soichi leva grande número de japoneses a aceitar a adaptação aos costumes do Brasil, deixando de pensar em perseguição e permitindo que os filhos freqüentem escolas brasileiras. Essa mudança de atitudes é fruto, em grande parte, do trabalho de Soichi.

11

Para atender ao grande volume de serviço, pois a escrituração de quase todos os comerciantes é feita pelo seu escritório, Soichi resolve dedicar-se inteiramente a eses trabalho e, em novembro de 1946, deixa de ser funcionário da Cooperativa Agrícola de Assaí, mas continua a prestar assistência à diretoria na preparação de atas e na tradução de relatórios, que passam a ser escritos em português para atender a exigências legais e por ser cada vez maior o número de brasileiros entre os cooperativados.

A lei que impedia aos estrangeiros o exercício de profissão liberal é renovada no Governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra e Soichi está oficialmente habilitado. Decide, então, partir em busca da sempre sonhada independência econômica. Tendo, agora, experiência para desempenhar os serviços com toda a segurança, principalmente por ter apren-

dido muito durante o tempo em que teve como sócio Toshimi Kian, que desfez a sociedade ao mudar-se para Maringá, toma a iniciativa de expandir suas atividades às vizinhas cidades de Uraí e Jataizinho. Associa-se, para tanto, a Sebastião Vinci, que exerce a profissão de contador além de ser funcionário da Prefeitura de Uraí.

No intuito de estreitar ainda mais a ligação entre os habitantes da cidade de Assaí e dos municípios próximos e, de maneira especial, para reforçar a integração entre brasileiros e japoneses, Soichi resolve fundar um jornal, idéia que há algum tempo amadurece em sua mente.

Consultado a esse respeito, o jornalista, político e idealista Fernando Lopes de Oliveira apóia a sugestão de imediato e incumbe-se de redigir o texto em português. Soichi fica sendo o responsável pela matéria em japonês e, em 1948, é distribuído o primeiro número do semanário Notícias de Assaí, que logo passa a ter boa aceitação na comunidade e atinge plenamente o objetivo para o qual foi criado.

Entre os colaboradores do jornal destacam-se Teixeira da Graça, juiz de direito, que escreve artigos literários e comentários diversos, Frei Constantino, vigário da Matriz de São José, que redige textos de orientação religiosa, e Antônio Bittencourt Ferreira, oficial-maior do cartório, que preenche os espaços vazios com notas a respeito dos mais variados assuntos, inclusive com poemas em latim.

Trabalhando intensamente no escritório de contabilidade, cuidando do jornal e lutando pela integração entre os homens, especialmente entre brasileiros e japoneses residentes em Assaí e nas cidades vizinhas, Soichi colhe os frutos de seu labor e faz planos para o futuro imediato.

12

Dois acontecimentos marcam profundamente a vida de Soichi em 1948.

Recém-formado bacharel em Economia e Finanças pela Escola de Comércio e Ciências Econômicas do Rio de Janeiro, proprietário do escritório de contabilidade que atende à maior parte do comércio de Assaí, editor de um semanário bem-aceito pela comunidade nipo-brasileira e detentor de muitas amizades e de boas relações na sociedade, decide investir em imóveis e adquire alguns terrenos. Constrói uma confortável casa onde passa a morar e, ao lado, manda fazer outra para o pai e os irmãos, que traz para a sua companhia, cumprindo a promessa que lhes havia feito na carta que deixara ao sair de São Paulo, há dois anos.

Atingido pela flecha do cupido, em um exemplo de amor à primeira vista, Soichi deixa de ser um andarilho solitário,

que caminha sem pouso certo para tornar-se um responsável chefe de família ao casar, em 13 de novembro de 1948, com Elvira Gertrudes Alberini, filha do conceituado comerciante João Alberini e de Ida Zaparoli Alberini. Elvira, como a irmã Aparecida Luíza, leciona no Grupo Escolar de Assaí e no Instituto Maria José.

Casado e vendo novamente a família reunida, Soichi continua a participar intensamente da vida profissional, social, esportiva, cultural e política de Assaí, jamais esquecendo os dois grandes objetivos que dirigem toda a sua atividade: a integração entre brasileiros e japoneses e o auxílio, toda vez que possível, a quem precisar de ajuda de qualquer espécie.

A clientela do escritório de contabilidade é sólida e cada vez mais numeorsa, assegurando os meios para proporcionar à família uma vida confortável.

Católico praticante e devoto fervoroso de Nossa Senhora, no campo religioso Soichi desenvolve um trabalho de conversão de niseis à igreja católica, participa ativamente da construção da Matriz de São José e ocupa o cargo de Secretário Geral da Congregação Mariana local.

Numa atitude que causa estranheza a alguns japoneses, mas coerente com a idéia de integração, que é uma constante em sua existência, ele passa a fazer parte do quadro de sócios da Sociedade Recreativa e Esportiva que, até então, era freqüentada unicamente por brasileiros. Depois convida filhos de japoneses para que façam o mesmo para mais facilmente integrarem-se à comunidade.

Aos poucos o trabalho de Soichi é entendido e aceito por brasileiros e japoneses e, algum tempo depois, ele lidera o grupo de jovens que funda a Sociedade Cultural de Assaí. O novo clube, por possuir biblioteca e por incentivar a prática de esportes, é bem-aceito por todos, principalmente pelos jovens, que tomam parte em competições realizadas com a participação das cidade de Uraí e Cornélio Procópio.

Destacam-se, ainda, entre as atividades de que Soichi participa intensamente e que resultam em imediatos benefícios para um grande número de pessoas, a oficialização do curso de língua japonesa, a liberação da prática de "undokai", 'que é uma gincana esportiva, e a permissão para a realização de cerimônias religiosas, como a de "Tenrikyo".

Em 1949 Soichi requer a naturalização e, como ocorre certa demora no andamento do processo, solicita ajuda ao Deputado Federal Bento Munhoz da Rocha Neto. Com a intercessão deste, Soichi finalmente recebe, em 27 de julho de 1950, com satisfação e orgulho, a cidadania brasileira.

Como reconhecimento à mãe, que o fez seguir o catolicismo, mantém ao naturalizar-se o nome com o qual recebeu o batismo e passa a chamar-se Armando Soichi Iwaya.

Na política Soichi inicia-se através de Bento Munhoz da Rocha Neto, que o incumbe, conforme pedido transmitido pelo jornalista Roberto Barroso, de formar o Diretório Municipal do Portida Social Trabalhista. Com o valioso apoio do ex-prefeito Almiro Ramalho e de Lupércio Soares constitui o diretório e é eleito seu primeiro presidente. Bento Munhoz da Rocha Neto é eleito Governador do Estado, tendo obtido grande vantagem de votos em Assaí.

13

Quando tudo leva a pensar que tenha criado raízes em Assaí, Armando surpreende a família ao anunciar que vai morar em Curitiba:

— Pretendo trabalhar numa cidade grande e aperfeiçoar ainda mais meus conhecimentos profissionais.

— Mas você não conhece quase ninguém na Capital e certamente vai ter dificuldade para montar um escritório — comenta a esposa.

— Conheço o Governador e o jornalista Roberto Barroso e a eles, se necessário, poderei recorrer.

— Realmente, eles poderão auxiliá-lo. Você trabalhou na campanha eleitoral e organizou o Diretório do Partido Social Trabalhista a pedido do Diretor do Diário da Tarde.

— Não tenho a intenção de cobrar deles pelo meu trabalho. Falo deles como amigos. São meus amigos também

os advogados Salvador de Maio, a quem tenho cedido o escritório quando ele vem a Assaí, e Kiyoshi Kanayama, que tem ajudado a resolver os problemas de diversas pessoas que encaminho a ele aqui e em Curitiba.

— E o lugar para morar?

— Tratarei disso lá e sei que não será fácil encontrar logo uma boa casa ou um bom apartamento. Por isso tenho de deixá-la com meu pai e meus irmãos durante algum tempo. Virei buscá-los logo que puder.

Com muita vontade de vencer e repleto de projetos e esperanças, Armando chega a Curitiba em 1950.

Prefere, primeiramente, fazer algumas visitas a companheiros de partido. Apresenta-se, então, ao Capitão Manoel Alves Quadrado, bem como a Augusto Waldrigues, Alberto Régnier e Leonel Prado Martins.

Logo que o Governador fica sabendo da pretensão de Armando de fixar residência em Curitiba, encarrega Roberto Barroso de conseguir um emprego em alguma repartição do Estado para o amigo de ambos. Essa notícia alegra muito Armando que acaba de instalar um escritório de contabilidade associado a Alberto Régnier, cunhado de Roberto Barroso, numa sala por este cedida ao lado da redação do Diário da Tarde.

Embora instalada no centro da cidade, na esquina da Alameda Doutor Murici e da Rua 15 de Novembro, a Auditoria Contábil Paranaense Limitada tem, como é natural no início, poucos clientes e, por isso, Armando procura um emprego de meio expediente para fazer frente às despesas que, mesmo para uma pessoa só, não são pequenas.

Armando mora no Hotel Rex, na Rua Ébano Pereira e vai todos os dias ao Café Alvorada, tanto ao da Travessa Oliveira Belo, o chamado Senadinho, por ser ponto de encontro de políticos, como ao da Rua 15 de Novembro, que é freqüentado por profissionais liberais e comerciantes. Nesses locais, através de contatos com os demais freqüentadores, espera conseguir clientes para o escritório e um emprego,

Ao saber que há uma vaga na Inspetoria Regional de Estatística, vinculada ao Conselho Nacional de Geografia e Estatística (*), Armando candidata-se imediatamente à mesma e, depois de ser entrevistado durante meia hora pelo Inspetor Regional Osvaldo Fonseca, é admitido no cargo de Auxiliar Estatístico.

Embora o emprego seja modesto e o movimento do escritório de contabilidade ainda seja pequeno, Armando vê-se em condições de preencher a falta do apoio afetivo da esposa e, na véspera do Natal de 1950, já a tem de volta a seu lado.

Kunitake, um vendedor solteirão e bem-relacionado na cidade dá uma valiosa ajuda a Armando, mais uma vez, ao recomendar o escritório deste a vários dirigentes de firmas. Anteriormente, ele havia indicado uma pensão boa e barata, na Rua Saldanha Marinho, para o casal morar e o lugar onde fazer refeições a preços módicos.

Passando a ganhar mais, Armando acha que deve alugar uma casa para que a esposa tenha mais conforto. Ao conversar sobre isso com Jacob Brandalize Neto, de quem é amigo desde que residia em Assaí, tem uma boa surpresa:

— Minha sogra tem uma casa para alugar na Rua Comendador Roseira.

— Será que ela vai querer alugá-la para mim? Não posso pagar muito, Jacob. Você sabe que estou em Curitiba há pouco tempo e o movimento do escritório é bem menor que o de Assaí.

— Não se preocupe. Vou apresentá-lo à minha sogra e tenho certeza de que ela o aceitará como inquilino.

Exatamente como o amigo havia previsto, Armando e Elvira são aceitos como inquilinos por Dona Negra, como todos chamam Ângela Caron, de quem logo tornam-se amigos.

(*) Atual Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

14

Rodeado de amigos e melhor instalado na nova residência, Armando acha disposição para dedicar-se com afinco às atividades profissionais e comunitárias, bem como volta a trabalhar como Tradutor Público e Intérprete Juramentado da Junta Comercial do Estado do Paraná. Nessa função, ao manusear passaportes, assentamentos civis, diplomas e outros documentos, além de atender a solicitações de autoridade judiciais e policiais para servir de intérprete de japoneses que não sabem falar português, ele tem oportunidade de fazer novos amigos e de marcar a sua atuação, sempre que possível, como elo entre brasileiros e japoneses.

Em 1952 Armando ajuda a estruturar juridicamente a Sociedade Cultural e Esportiva Pinheiros e participa da fundação da Sociedade Cultural Nipo-brasileira e da Sociedade Beneficente Nipo-brasileira do Paraná. Toma parte, ainda,

nos trabalhos de fusão de ambas sob a denominação de Sociedade Cultural e Beneficente Nipo-brasileira de Curitiba.

No ano seguinte Armando e o Major Ubirajara Brandão, seu amigo desde que morava em São Paulo, onde estudou língua japonesa, resolvem criar uma entidade destinada a divulgar a cultura e a língua japonesas. Com o apoio da comunidade curitibana é fundada, então, a Sociedade Cultural Nipo-brasileira de Curitiba.

Na Inspetoria Regional de Estatística Municipal as promoções sucedem-se e, em menos de dois anos, Armando passa de Auxiliar Estatístico a Contabilista Auxiliar, bem como a Contabilista Chefe e a Chefe de Administração. Após submeter-se a concurso público assume o cargo de Chefe do Serviço Patrimonial, da Chefatura de Polícia onde organiza o cadastro da repartição central e dos órgãos a ela subordinados.

Depois de uma curta passagem pela Contadoria Seccional da Secretaria da Fazenda, em 1957 Armando retorna à Chefatura de Polícia, onde fica até 1965, quando aceita um convite do Deputado Estadual Arthur de Souza para trabalhar com ele.

— Você tem contato com vários prefeitos e conhece os problemas administrativos dos municípios, além de estar familiarizado com questões políticas — diz o Deputado. — Pode, portanto, ajudar-me no programa de rádio, atendendo aos que me procuram e assegurando-me apoio político.

— Por estar prestando assistência contábil e administrativa a algumas prefeituras conheço os problemas dos municípios. Com prazer, poderei colaborar na parte assistencial de seu programa de rádio, ampliando a minha atividade nesse campo, que venho exercendo, preferencialmente, junto à comunidade nipo-brasileira.

— Vou-dar-lhe, então, um cargo de Assessor na Assembléia Legislativa. Você vai ficar, no entanto, na Rádio Clube Paranaense, a PRB-2, das sete às dez horas, recebendo e orientando os que vêm à minha procura. Depois você tratará de diversos assuntos em algumas repartições e, à tarde, trabalhará na Assembléia Legislativa.

Depois de colaborar com o Deputado Arthur de Souza mais de dois anos Armando pede dispensa do cargo e, em 1968, começa a trabalhar no Departamento Administrativo da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, onde implanta o Setor de Material e Patrimônio. Como esse emprego exige dedicação em tempo integral, Armando fica sem condições de cuidar do escritório de contabilidade e passa-o, no começo de 1969, ao Contador Mário Baba. O escritório, que foi fundado em 1950, que passou por fases de dificuldade devido à falta de clientes, que contou com vários sócios, que esteve instalado em diversos endereços e que teve mais de uma denominação, conta com mais de quinze funcionários e quase duzentos clientes por ocasião da transferência de propriedade.

Na Assembléia Legislativa Armando passa a exercer, em 1970, o cargo de Economista e, em 1979, é colocado à disposição da Secretaria de Estado do Planejamento, a pedido do Secretário Véspero Mendes.

Pelo Decreto Legislativo 517, publicado no Diário Oficial da Assembléia Legislativa de 4 de outubro de 1979, depois de trinta e sete anos e seis meses de serviço, Armando é aposentado. Permanece, no entanto, trabalhando na Secretaria do Planejamento e depois na da Administração, mais três anos e meio.

A aposentadoria, ao mesmo tempo que representa o coroamento de uma longa atividade profissional, dá oportunidade a que Armando dedique-se, agora integralmente, a um trabalho que na verdade nunca deixou de exercer: a assistência social. Como Secretário Geral da Sociedade Beneficente Assistencial Curitiba, que em 1977 ajudou a fundar e que desde 5 de dezembro de 1978 é reconhecida como de utilidade pública, desenvolve meritório trabalho em benefício de um grande número de pessoas.

15

28 DE MARÇO DE 1984, QUASE MEIO-DIA.

— Parabéns prá você, nesta data querida!

Ao chegar para o almoço o aniversariante é recebido com festas e abraços pela família.

— Que agradável surpresa! Eu não esperava que vocês fossem fazer tanto alvoroço por causa de um simples aniversário.

— Mas não se trata de um simples aniversário, meu bem — diz Elvira. — É um acontecimento muito especial. Hoje você está fazendo sessenta anos e quisemos, os meninos e eu, comemorar em família data tão importante. Por isso até o José Carlos veio para esse almoço em homenagem a você. — À noite virão nossos tios e primos e os seus amigos,

mas agora é nossa vez de dizer-lhe: feliz aniversário, pai! — diz Marilda Lúcia enquanto, com os irmãos, beija o pai.

Os meninos, como Elvira acaba de chamá-los, são José Carlos, de vinte e oito anos, que estuda Mecânica na Faculdade de Engenharia de Joinvile, em Santa Catarina, e dá aulas de Matemática e Física; Marilda Lúcia, de vinte e três anos, acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná e aluna do curso de Educação Artística da Faculdade Estadual de Música, de Curitiba; e Cláudio Antônio, de dezoito anos, aluno do curso de Edificações do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, também de Curitiba.

Os três abraçam o pai com muita alegria e José Carlos diz:

— Vamos almoçar logo antes que mamãe diga que a comida está esfriando e também porque preciso voltar hoje mesmo a Joinvile.

28 DE MARÇO DE 1984, QUASE MEIA-NOITE.

Sozinho na biblioteca, que igualmente serve de escritório, Armando descansa sentado na poltrona ao fim de um dia agitado. Acabam de sair os últimos parentes e amigos que vieram cumprimentá-lo e com ele alegremente festejar os seus sessenta anos.

No silêncio que envolve a biblioteca, com os olhos fechados, Armando vê desfilar na memória, como num sonho, quase toda a sua vida:

É tênue a lembrança da aldeia de Izumita, onde nasceu, como também o é de outras cidades do Japão, que a família prepara-se para deixar. Destaca-se a presença da mãe, cuidando dos detalhes da viagem e sonhando com um futuro de felicidades na terra desconhecida.

A longa viagem de navio traz cansaço a todos e a chegada ao Brasil representa muita esperança e vontade de vencer, mas causa decepção pelas condições de vida na fazenda. A decisão de estudar e trabalhar para ajudar os pais é tomada na infância e nunca é abandonada. Ao contrário, é reforçada cada vez mais pela atividade desenvolvida em proveito da integração entre os homens e pelo auxílio prestado, em circunstâncias as mais variadas, aos que precisam de apoio e de orientação.

Estudo e trabalho. Muito estudo e muito trabalho. Na fazenda, em Cocuera e na cidade de São Paulo. Igualmente em Assaí e Curitiba.

Criança ainda, recebe com alegria o nascimento das irmãs Lília e Luíza e chora a morte do irmãozinho Tadayuki.

Chora, profundamente, a morte da mãe. Pouco mais de nove anos após a chegada à terra na qual deposita toda a sua esperança de uma vida melhor, quando as dificuldades ainda são muitas e a família tanto precisa de sua ajuda, falece Katsu, a fonte inesgotável do estímulo para o prosseguimento do estudo e do trabalho que, na ocasião são incipientes. É também a luz que orienta sempre quanto ao caminho a seguir. Estímulo e luz que, até hoje, inspiram a vida do filho que sempre procura atender à vontade da mãe.

Quantas vezes a memória mostra-lhe a mãe, como se viva fosse, esperando por ele com uma comidinha quente! Em homenagem à mãe escreve, um dia, que "gostaria de pedir a todo bom filho que faça tudo pela mãe e jamais esqueça que em suas veias corre o sangue daquela que o deu à luz da vida".

Um dia, em 1946, com o curso de Contabilidade concluído e com a certeza de que sem a experiência o conhecimento teórico, mesmo com diploma, é insuficiente, a decisão de sair de casa em busca da independência.

Chegada a Assaí, no Paraná. Muito trabalho. Sucesso na profissão e na vida social. Ajuda aos que precisam de qual-

quer espécie de auxílio. Empenho em favor da integração entre brasileiros e japoneses.

Família novamente reunida com a chegada do pai e dos irmãos. Casamento com Elvira Alberini.

Sozinho em Curitiba. Escritório de poucos clientes no início, mas em excelente situação por ocasião da transferência a outro contador.

Emprego na Inspetoria de estatística, na Chefatura de Polícia e na Assembléia Legislativa. Mesmo depois da aposentadoria, prosseguimento do trabalho na Secretaria do Planejamento e na Secretaria da Administração, até março de 1983.

Na véspera do Natal de 1950 a alegria da chegada da esposa.

Nascimento de Hélio, José Carlos, Marilda Lúcia e Cláudio Antônio.

Muita tristeza com a morte do primogênito quando tinha doze anos. Hélio estava no segundo ano do ginásio, era um menino estudioso e alegre que tinha muitos amiguinhos de escola e de folguedos, cuja morte feriu muito fundo o coração dos pais.

Presença da morte outras vezes. Em 1954 falecimento do irmão Soji, em São Paulo, e em 1970, em Curitiba, de Luiza. Cinco anos depois, também em Curitiba, a morte do patriarca Sonosuke, que um dia decidiu sair do Japão com a família e veio para o Brasil, onde enfrentou muitas dificuldades e teve a alegria de ver a família crescer e ser bem-sucedida, sempre dedicada ao trabalho, como ele próprio.

Hoje é evidente que estava correta a inabalável decisão tomada na infância de estudar sempre, por maiores que fossem os obstáculos, para vencer na vida. Estudos iniciados com o Baiano, na Fazenda São Domingos, e continuados em diversas escolas até a obtenção do diploma de Contador. Vieram depois os cursos de Especialização de Contabilistas, de

Extensão em Filosofia, de Evolução do Pensamento Econômico, de Legislação Sindical e do Trabalho, de Administração Municipal, de Doutrina de Segurança Nacional, de Administração de Material, de Aperfeiçoamento em Técnicas Administrativas, de Aperfeiçoamento para Pessoal de Chefia, de Treinamento de Agentes de Reforma Administrativa, de Atualização sobre Segurança e Desenvolvimento e, ainda, de Fundamentos para a Modernização Administrativa, em diversas entidades ao longo de vários anos. O título de Habilitação Profissional de Técnico de Administração, obtido em 1971, é uma recompensa ao contínuo esforço no sentido de aprimorar os conhecimentos.

Para quem nunca deixou de estudar, a freqüência ao curso de Atualização da Língua Japonesa, iniciado há poucas semanas, vale como uma afirmação da perenidade do intuito de aperfeiçoar-se, cultural e profissionalmente, que se mantém presente durante toda a vida.

Os quase três anos de aulas dadas no curso livre de Língua Japonesa na Universidade Federal do Paraná, instituído em 1975 e convertido mais tarde em curso de extensão universitária do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, provam que não foi estéril a semente lançada em 1953 com a fundação da Sociedade Cultural Nipo-brasileira de Curitiba, para divulgar a cultura e a língua japonesa.

Como reconhecimento pelas atividades desempenhadas em diversos setores profissionais, culturais e assistenciais, mais de vinte distinções, desde elogios e votos de louvor até medalhas, diplomas de mérito, insígnias, láureas e colares, ornamentam a carreira do incansável trabalhador e do idealista propugnador da integração racial e da paz, que possui também os títulos de Cidadão Honorário de Curitiba e do Paraná.

Recompensa por mais de trinta e sete anos de serviço, a aposentadoria não significou a paralisação das atividades,

mas permitiu que fosse dispensado mais tempo ao trabalho assistencial, que até hoje é desenvolvido com muito empenho e dedicação integral.

Feliz é aquele que pode recordar com saudade o passado, mas infeliz, com certeza, é quem tem medo de lembrá-lo.

Com absoluta consciência do dever cumprido e muita disposição de prosseguir trabalhando, o incansável lutador e abnegado cidadão Armando Soichi Iwaya, o SAMURAI DA PAZ, que quando estava na escola primária sonhava ingressar numa escola superior, que enquanto estudava e trabalhava sonhava ajudar os pais e irmãos e que quando veio morar no Paraná sonhava lutar pelo congraçamento entre japoneses e brasileiros, hoje, ao prestar serviços assistenciais à comunidade e ao despertar nos jovens o espírito patriótico e o sentimento de fraternidade e justiça, busca a realização do sonho de união entre os homens num mundo de paz.

SAGA DE UM IMIGRANTE JAPONÊS

ARMANDO SOICHI IWAYA, autor desta obra, pertence a Academia de Letras José de Alencar e Centro de Letras do Paraná, sendo autor de "SAMURAI DA PAZ" e faz parte de diversas entidades culturais e assistenciais, cívicas como Liga da Defesa Nacional, Sociedade Geográfica Brasileira, Sociedade Brasileira de Artes, Cultura e Ensino, tendo sido agraciado com diversas comendas e medalhas, tais como: CRUZ DE MÉRITO CÍVICO CULTURAL, COLAR MARECHAL RONDON E COLAR JOSÉ ANCHIETA — APÓSTOLO DO BRASIL, entre outras, como reconhecimento pelas atividades desempenhadas em diversos setores profissionais, culturais e assistenciais, ornamentam a carreira do incansável trabalhador e do idealista propugnador da integração racial e da paz, que possui também os títulos de cidadão honorário de Curitiba e do Paraná.

Embora nascido no Japão, toda sua vida pública e particular foi feita no Brasil; somente ao Brasil, com coragem, dedicação e dinamismo. Seus serviços ligados aos interesses comunitários iniciara há mais de 40 anos, e ele pode apresentar às gerações de hoje e do futuro exemplos e ações nobilitantes que testemunham sua condição de cidadão ilustre aos que fazem do trabalho algo edificante e sadio.

SAGA DE
UM IMIGRANTE
JAPONÊS
S. SHUMIN